



REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E VIOLÊNCIAS NAS ESCOLAS: POSSÍVEIS ARTICULAÇÕES

SOCIAL REPRESENTATION AND VIOLENCE IN SCHOOLS: POSSIBLE ARTICULATIONS

VIVIAN DA SILVA LOBATO¹
vivianlobato@yahoo.com.br

RESUMO

É objetivo geral deste trabalho de pesquisa desenvolver um estudo das Teorias das Representações Sociais de Moscovici (2009) como via de compreensão da formação das representações sociais dos professores sobre a violência em espaço escolar. Foi realizada pesquisa bibliográfica e análise do material selecionado. Foi possível constatar que Moscovici (2009) associa a formação das representações sociais à adaptação cognitiva dos sujeitos e a formas de pensamento característico de grupos nos quais os indivíduos se incluem. A violência tem sido representada pelos professores, predominantemente como de origem exterior à escola e amparada em causas socioeconômicas.

Palavras-chave: Representação social • Violência na escola • Professores.

ABSTRACT

The general objective of this research work is to develop a study of Moscovici's Theories of Social Representations (2009) as a way to understand the formation of social representations of teachers about violence in the school environment. This research carried out literature search and content analysis of selected material. It was found that Moscovici (2009) associates the formation of social cognitive adaptation subject to forms of thought characteristic of groups to which individuals include representations. The violence has been represented by teachers, predominantly as outside the school and supported by socio-economic root causes.

Key-words: Social representation • Violence in school • Teachers.

1 É doutora em Educação: Psicologia da Educação pela PUC/SP. É professora adjunta 2 da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba. Desenvolve pesquisas nas áreas de Violência nas Escolas, Bullying e Relações Interpessoais. Telefone: (91) 81573063; (91) 32221385. E-mail: vivianlobato@yahoo.com.br



INTRODUÇÃO

No processo ensino-aprendizagem, professores e alunos são sujeitos que trazem em si experiências adquiridas no transcorrer de suas histórias de vida. Tanto uns como outros têm na família o ponto inicial de sua inserção no mundo. Concebida no seio familiar, pela família, amparada e orientada em seus primeiros anos de vida, a criança é enviada à escola para nela encontrar o apoio necessário para seu desenvolvimento, para sua aprendizagem e sua relação com outros membros da sociedade. Trata-se de uma relação de base material, assim como afetiva, que se prolonga, devendo estabelecer uma parceria entre criança e escola que beneficie a formação integral da pessoa humana.

É sabido que, em ambiente escolar, conflitos sempre ocorreram. Porém, nos últimos anos, eles vêm se agravando e o número de ocorrências tornou-se frequente, envolvendo violência física e psicológica, fazendo reféns tanto entre alunos quanto entre professores e funcionários. Neste artigo, procura-se discutir os conflitos ocorridos no interior das comunidades escolares à luz da Teoria das Representações Sociais.

Partindo do princípio de que o indivíduo é um ser no mundo, optou-se por desenvolver o tema "Representações Sociais e Violência nas Escolas", tomando-se como objetivo geral estudar a Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici, como via de compreensão da formação das representações sociais desenvolvidas pelos professores sobre a violência no espaço escolar.

Serão considerados os seguintes objetivos específicos: 1) analisar a Teoria das Representações de Moscovici, identificando seus princípios fundamentais; 2) contex-

tualizar a questão da violência nas escolas em seus traços contemporâneos; 3) confrontar os princípios fundamentais da Teoria das Representações Sociais com o atual contexto de violência nas escolas, buscando uma maior compreensão das representações desenvolvidas pelos professores.

A pesquisa busca respostas para o seguinte problema: como se formam as representações sociais dos professores sobre a violência em ambiente escolar, a partir da literatura pesquisada? Como resposta, foi testada a seguinte hipótese: a compreensão da violência em espaço escolar, desenvolvida pelos professores, é resultante do diálogo que se estabelece entre seu sistema de referência individual, os códigos de linguagem e as influências ideológicas presentes na sociedade, ocorrências da realidade cotidiana e processos imaginários.

Foi realizada pesquisa bibliográfica e análise do material selecionado. Primeiramente será apresentado um estudo da Teoria das Representações de Moscovici. Foram abordados aspectos conceituais e princípios fundamentais. Em seguida será apresentado um panorama da violência em espaço escolar. Por fim, procurar-se-á reconhecer, com base nos autores pesquisados, as representações dos professores sobre a violência escolar.

1. A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES

Em reação à vertente positivista, que entende como única via possível de construção do conhecimento a observação, excluindo, assim, o estudo da subjetividade, a Modernidade estabeleceu que a consciência não apenas capta a realidade, como age ativamente para sua constituição.

Essa abordagem orientou pesquisas baseadas no processo de assimilação de sím-



bolos consensualmente adotados em sistemas de linguagem, como via de formação das subjetividades (VIOTTO FILHO, 2014). Foi por essa via que seguiu Serge Moscovici (1928 -), psicólogo romeno, autor da Teoria das Representações Sociais que, segundo Santos (2010, p. 2), “contribui para a construção da perspectiva ‘europeia’ de psicologia, nas décadas de 1960 e 1970, ao integrar o social (até então visto como objeto da Sociologia) e o psicológico (objeto da Psicologia)”.

A escola construtivista estabeleceu que a realidade é engendrada intersubjetivamente, como teia de significados e valores construída pelos homens no mundo. Signos e significados formam sistemas de linguagem, fixando-se em códigos que, quando comunicados, envolvem indivíduos em interação (VIOTTO FILHO, 2014). Estes, juntos, criam o que se convencionou chamar de cultura, ou seja, um conjunto de modos de fazer, comportar-se e pensar, que influencia o sentir, as técnicas, os hábitos, os costumes, os valores, a moralidade, etc. Os indivíduos, sujeitos no mundo, desde seu nascimento, passam a assimilar símbolos, linguagem, códigos e cultura.

Tomando-se como base o que fora acima exposto, o desafio que se colocou, segundo Moscovici (2009), foi lançar as bases de uma teoria que tomasse como objetivo investigar o processo de construção da compreensão que os homens têm do mundo, ou, conforme sintetiza Alves-Mazzotti (2014, p. 32), “investigar justamente como se formam e como funcionam os sistemas de referência que utilizamos para classificar pessoas e grupos e para interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana”.

Ao procurar explicar o conceito de Moscovici (2009) para representações sociais,

Santos (2010) afirma que elas são:

(...) processos cognitivos e afetivos inacabados de apreensão do mundo e desempenham diferentes funções cognitivas e sociais. Nessa perspectiva, expressam temas comuns, “genéticos”, que nos ligam a outros seres numa espécie de intuição das ideias primárias, constitutivas do objeto a que nos referimos em nossa cultura. A comunicação e o pensamento só podem ser compreendidos como transformações de estruturas anteriores, relativizações culturais, materializações de sentido que ultrapassa a sociedade em que as RS se localizam social e historicamente. (SANTOS, 2010, 04).

Assim, entende-se que, ao processo de assimilação de códigos de linguagem, somam-se motivações individuais de caráter afetivo que formam o sistema de referências no qual o indivíduo se baseia ao procurar dar sentido a novos fatos e ocorrências da vivência cotidiana. Trata-se de um processo em que sentidos individuais – ao serem afetados pelas mensagens transmitidas por pessoas, coisas e objetos da realidade concreta –, transformam-se e, conseqüentemente, transmitem ao mundo concreto novos sentidos resultantes desse processo.

Menin *et al.* (2009) concordam com a abordagem de Santos (2010) e estudam a Teoria das Representações Sociais como metodologia de análise das representações de indivíduos e de grupos, que só pode ser utilizada quando compreendidas suas partes constituintes e sua dinâmica de funcionamento.

Moscovici (2009) desenvolve sua compreensão abordando as duas dimensões principais da Psicologia Social: o sistema cognitivo (âmbito psicológico); os processos responsáveis pela formação das representações sociais (âmbito social).



1.2 DINÂMICA E METODOLOGIA DE ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

De acordo com Moscovici (2009), a Teoria das Representações Sociais se dá no âmbito das comunicações. Ao relacionarem-se entre si, os indivíduos criam sistemas de representação que assumem configurações linguísticas que possuem estrutura, códigos, conceitos e lógica interna, sendo influenciadas por valores estabelecidos e comportamentos esperados. Ao estabelecer as ideias compartilhadas por grupos, as representações sociais passam a reger condutas e constituir a realidade objetiva.

Explicando a natureza das representações, Moscovici (2009) afirma que a formação das representações sociais se estabelece em duas fases, sendo elas:

1) ancoragem: quando o objeto de representação é relacionado a uma rede de significados influenciados por valores e práticas sociais;

2) objetivação: quando uma ideia ou um conceito formado são entendidos como reflexos da realidade do objeto representado.

O processo de interpretação do real, que caminha da ancoragem para a objetivação, é constituído de momentos figurativos (imagem mental) e simbólicos. A cada figura corresponde um sentido.

Moscovici (2009) ressalta que as atividades figurativas formam uma imagem e, ao mesmo tempo, atribui-lhe um sentido. Tais atividades envolvem um processo psíquico que absorve objetos exteriores aos sujeitos e os aproxima de seu universo interno, à medida que os articula aos sentidos já conhecidos. Assim, sentidos pre-existent, ao tomarem contato com um

novo objeto, emprestam-lhe suas propriedades, enquanto estas podem ser influenciadas pelo novo objeto.

Analisando a natureza social das representações, isto é, seus vínculos com relações que acontecem em espaço social, Moscovici (2009) ressalta que diferentes grupos sociais são caracterizados por diferentes universos de opinião, acolhendo diferentes proposições, reações e avaliações.

Considerando a estrutura do universo das opiniões, Moscovici (2009) destaca três dimensões inerentes a elas, sendo:

1) atitude: que diz respeito à orientação geral quanto ao objeto da representação, aos valores a ele atribuídos;

2) informação: que se refere ao modo como são organizados os conhecimentos de que os grupos dispõem sobre o objeto de representação;

3) campo de representação: que se refere à imagem e ao seu conteúdo, tomando como pressuposto seus elementos ordenados hierarquicamente.

Aceitando-se que as representações sociais possuem essas três dimensões, a análise das dimensões leva a reconhecer características que definem grupos distintos.

Para identificar a característica de um grupo, bem como o que o diferencia dos outros, conforme Moscovici (2009), deve-se questionar a função das representações. O autor entende que é função das representações sociais contribuir para o processo de formação de conduta dos membros do grupo e de orientação do próprio grupo.

Assim, Moscovici (2009) parte do pensamento natural, isto é, original, a partir do



qual são configuradas as representações. Entende que a principal característica do pensamento natural é a polifasia cognitiva que pode ser compreendida como uma imagem mental, e que possui diversos modos de pensamento em um mesmo indivíduo. Tal diversidade se explica pela estrutura do sistema cognitivo.

Considerando as situações em que são criadas as representações, Moscovici (2009) destaca três das condições principais:

1) dispersão das informações – a insuficiência ou excesso de dados sobre um determinado objeto gera incertezas com relação às questões envolvidas;

2) pressão para a inferência – impressões sobre um novo objeto possuem alto grau de incerteza enquanto indivíduos são pressionados a opinar sobre eles;

3) focalização sobre determinados aspectos ou perspectivas – o que acaba por influenciar o modo como o sujeito reflete sobre o objeto”.

O funcionamento cognitivo se dá sobre um fundo social marcado por essas três dimensões. Pressionado, o sujeito acaba por avaliar objetos e eventos sociais de maneira pouco aprofundada, fazendo uso de lugares comuns, fórmulas consagradas e aderindo a conclusões previamente estabelecidas.

A Teoria das Representações Sociais vem sendo usada em pesquisas em nível de mestrado e doutorado de programas brasileiros de pós-graduação, como método de compreensão das representações sociais de docentes. A violência escolar é uma das variáveis das representações dos docentes.

2. REPRESENTAÇÃO SOCIAL DOS PROFESSORES SOBRE A VIOLÊNCIA ESCOLAR

Para compreender as representações dos professores sobre a violência escolar, primeiramente importa conceituar o fenômeno violência, levando-se em conta suas principais características. Em seguida, será abordado como o grupo formado por professores tende a compreender a violência escolar.

2.1 A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Apresentando o conceito de violência, a Organização Mundial de Saúde (OMS) se refere a ele como:

(...) uso intencional da força física ou poder, em forma de ameaça ou praticada contra si mesmo, contra outra pessoa, contra um grupo ou comunidade, que resulta ou tem uma grande possibilidade de ocasionar ferimentos, morte, consequências psicológicas negativas, mau desenvolvimento ou privação (OMS apud STELKO-PEREIRA e WILLIAMS, 2010, p. 46).

Os autores alertam para a diversidade de perspectivas envolvidas na definição do conceito. Oliveira (2002), por sua vez, lembra que “para conceituar o que seja violência deve-se observar tanto a polissemia do termo quanto a sua subjetividade que depende das normas e valores de cada sociedade, variando nos tempos históricos e no espaço”. Quanto ao conceito, cambem, portanto, estudos e permanentes discussões no âmbito da Antropologia, do Direito, da História, da Pedagogia, da Psicologia, da Sociologia, entre outros.

Abordando a violência pela caracterização dos atos violentos e suas consequências mais frequentes, Stelko-Pereira e Williams (2010, p. 46) remetem novamente ao estudo desenvolvido pela OMS e suas



conclusões. Embora não sejam exclusivas ao contexto escolar, as características relacionadas pela organização são relevantes e envolvem a “violência física, psicológica, sexual e a negligência”.

Visando esclarecer os limites de cada um desses tipos de violência, os autores afirmam:

Pode-se entender como violência física atos buscando ferir a integridade física da pessoa (tais como tapas, empurrões, chutes, socos, beliscões, atirar objetos, etc.); como violência psicológica, ações que têm como provável consequência danos psicológicos ou emocionais a outros (tais como ameaças de uso de violência física contra a pessoa ou entes queridos, criar situações a fim de provocar medo, degradar verbalmente a personalidade, crenças e atitudes de pessoas, ridicularizar ou inferiorizar os esforços da pessoa); violência sexual, que se refere a atos contra a sexualidade do indivíduo (sem o consentimento do outro, acariciar, manipular genitália, mama ou ânus, atos pornográficos e exibicionismo, praticar ato sexual com ou sem penetração, com ou sem uso da força física); e negligência (que se refere à omissão diante das necessidades de outro indivíduo ou o fato de não evitar situações de perigo a outros). (OMS apud STELKO-PEREIRA e WILLIAMS, 2010, p. 51).

Os autores entendem a violência como ocorrida em uma localidade geográfica. No caso da violência escolar, entende-se que seus limites são difusos, pois ela pode ocorrer no interior das escolas, em suas proximidades ou mesmo em áreas distantes, onde alunos, professores e funcionários de escola sejam atingidos por violência em decorrência de fatos originados em espaço escolar. Assim, a Internet, espaço não-físico, também é área possível de violência, como no caso de *cyberbullying*.

O cotidiano da violência que defrontamos na escola vai desde o atentado contra o corpo físico até a permanente ameaça

na garantia dos direitos da cidadania, por exemplo, situações de humilhação, exclusão, ameaças, desrespeito, indiferença e omissão em relação ao outro (OLIVEIRA, 2013).

Conforme lembram esses autores, há outros tipos de classificação, como violência verbal e violência não verbal (como destruição de material, roubo); violência direta e violência indireta (ações com objetivo de atingir a vítima, como espalhar boatos que levam à sua exclusão de um grupo).

Stelko-Pereira e Williams (2010, p. 51) ressaltam que, além de localização, também a configuração em relação aos envolvidos é característica relevante da violência escolar. A violência escolar envolve dados, como “duração, motivos, espaço geográfico ocorrido, características das ações violentas, data e horário de ocorrência e desfecho”. À violência física, psicológica, sexual e à negligência, em ambiente escolar também se somam a venda e o uso de drogas, que envolvem alunos, funcionários e pessoas externas ao ambiente escolar.

2.2 AS REPRESENTAÇÕES DOS PROFESSORES

Discorrendo sobre a compreensão dos professores, Alves-Mazzotti (2014), Menin *et al.*, (2009) afirmam que eles tendem a justificar o comportamento do aluno em ambiente escolar pelas condições socioeconômicas de suas famílias. Assim, eximem-se da responsabilidade.

Segundo essas autoras, as expectativas do professor com relação ao aluno variam de acordo com o nível socioeconômico deste. Quanto mais baixo o nível socioeconômico, mais baixas as expectativas. O comportamento diferenciado, por parte do professor, compromete o processo pedagógico e seus resultados.



Tal tendência indica a necessidade de ultrapassar a mera constatação da interpretação dos professores, desenvolvendo estudos que indiquem possibilidades de superação desse estado de coisas. Nos últimos anos, pesquisas envolvendo os parâmetros da Teoria das Representações Sociais se tornaram frequentes. Elas procuram compreender a dinâmica do sistema de significação social partilhado pelos professores.

Assim, cada vez mais se procura compreender como se forma e como funciona a dinâmica do sistema de referências utilizado pelos professores ao classificar pessoas, grupos, acontecimentos da realidade cotidiana, como é o caso da violência em espaço escolar.

Menin *et al.*, (2009) listam vinte e sete teses e dissertações de doutorado e mestrado de programas brasileiros de Pós-Graduação em Educação que utilizam a teoria de Moscovici para analisar representações de ou sobre professores. As autoras ressaltam que, como critério de análise, os pesquisadores abordam:

(...) modos de descrição dos sujeitos da pesquisa e variáveis selecionadas nessa caracterização: descrição de objeto de estudo, sua contextualização e justificção como objeto de representação social; procedimento de coleta de dados, sua adequação e justificção; tratamento dos dados; procedimentos de análise; síntese dos resultados e sua contribuição para a educação (...). (MENIN, SHIMIZU e LIMA, 2009, p. 549-550).

As autoras acusam que a maior parte dos trabalhos utiliza métodos bastante simples de análise. Porém, alguns avançam na análise de conteúdos. Menin *et al.*, (2009) investigam as soluções metodológicas, as ferramentas de investigação e seus resultados.

Segundo esclarecimentos das autoras, os trabalhos que tomam por objetivo investigar processos pedagógicos e elementos influenciadores enfatizam que as representações sociais dos professores se refletem na maneira de apropriação de novos conteúdos e que podem direcionar suas práticas.

As pesquisas que têm como objeto de estudo as representações dos professores a respeito de seus alunos, ligadas a temas e contextos específicos, procuram identificar como essas representações podem estar ancoradas nas experiências cotidianas, em modelos sociais vigentes ou no conhecimento científico, e a possível influência dessas representações na relação do professor com seus alunos e na prática pedagógica (MENIN, SHIMIZU e LIMA, 2009, p. 566).

Concluem que a produção brasileira é de qualidade significativa, embora alguns trabalhos sofram de falta de profundidade. Destacam a participação das perspectivas pedagógicas, como o cognitivismo, o sociointeracionismo e o behaviorismo na construção das representações sociais dos professores e a relação destas com outras representações.

Estudando o tema e o contexto relativo à violência em espaço escolar, Maurício *et al.*, (2014) realizaram pesquisa de abordagem qualitativa, entrevistando professores, alunos e funcionários de quatro diferentes escolas públicas de ensino fundamental e médio, da cidade de Taubaté, São Paulo. Concluíram que os professores percebem as situações de violência na escola e as representam como “um fenômeno que se origina na sociedade e se reflete na escola; sua dinâmica é de fora para dentro”.

A impressão desses autores é que os professores encontram-se impotentes



diante da violência e que esta passa a ser vista como natural, comprometendo as funções da escola. No trabalho de Maurício *et al.*, (2014), as representações dos alunos estão em harmonia com as representações dos professores. Também os alunos entendem que as causas da violência encontram-se nas famílias que, nas representações deles, “se encontram conturbadas e sem autoridade para educar seus filhos” (MAURÍCIO *et al.*, 2014).

Por outro lado, Geronasso (2014), que estudou a violência em espaço escolar com ênfase no *bullying*, chama a atenção para o vácuo de estratégias de enfrentamento da violência com que os professores vêm se deparando. Essa autora realizou pesquisa de abordagem qualitativa, tendo entrevistado professores de uma escola municipal e de outra estadual de seis diferentes localidades da cidade de Curitiba, Paraná, sendo “Almirante Tamandaré, Araucária, Campo Largo, Colombo, Pinhais e São José dos Pinhais”. Sempre em áreas consideradas pelo poder público como de vulnerabilidade social. Segundo essa autora, os professores sentem-se intimidados e desamparados, sem saber como agir.

(...) o professor parece se sentir intimidado na escola e desamparado para tratar sobre o assunto devido ao desconhecimento de como agir e à carência de políticas que promovam um suporte para essa ação e para todo o trabalho docente realizado na escola. O professor se sente só na tentativa de sanar os problemas de violência, sentindo-se cada vez mais desafiado no objetivo de prevenir a violência que se apresenta de diversas formas e tem aumento descontrolado, assustando a sociedade e fazendo com que as relações pedagógicas sejam afetadas de forma significativa (GERONASSO, 2014).

Também Gomes *et al.*, (2014) chamam a atenção para a falta de preparo dos pro-

fessores para agir contra a violência. Tendo realizado pesquisas com professores em fase de estágio, esse autor detectou que:

Em face dos sentimentos de impotência e incompetência profissionais, os jovens licenciandos, muitos possuídos pelo idealismo, não queriam desaguar no lugar-comum de culpar o aluno, de atirar à vítima do fracasso escolar a culpa pelo seu próprio drama (GOMES *et al.*, 2014).

Também Oliveira (2002), tendo estudado as representações sociais da violência escolar, concorda com esta linha de argumentos. Diz ela: “os sujeitos não reconhecem os motivos verdadeiros da violência e seguem o modelo da cultura da violência quando tendem à banalização da mesma”.

Essa autora também enfatiza a necessidade de pensar a dinâmica da violência que é gerada e ou alimentada pela própria escola e por suas normas disciplinares, que ignoram as particularidades dos sujeitos e os contextos de origem dos atos violentos.

A situação de violência das escolas públicas e estaduais é bem maior do que nas escolas particulares. Não porque o atendimento policial seja melhor, mas porque as opções e a liberdade de ação dos diretores destas instituições são maiores do que as de escolas públicas. Em muitas escolas particulares onde se atendem alunos de classe média e alta, várias medidas de segurança são tomadas (...) (OLIVEIRA, 2002).

Assim, as representações sociais que os professores têm da violência podem ser entendidas como baseadas em pré-concepções estabelecidas no grupo docente. Tais concepções, no entanto, encontram-se num momento de transição em que se percebe o anseio por reflexões mais aprofundadas. Assim, a polifasia cognitiva, conforme a denomina Moscovici (2009), pode ganhar espaço, contribuindo para o surgimento de novas representações.



CONCLUSÃO

Ao investigar como se formam as representações sociais dos professores sobre a violência em espaço escolar, verificou-se que, de acordo com a teoria de Moscovici (2009), elas se formam no diálogo que se estabelece entre sistemas de referência individuais que envolvem conhecimentos acadêmicos e experiências individuais, os códigos de linguagem e influências ideológicas presentes na sociedade e no grupo ao qual pertencem os docentes.

As representações são influenciadas por ocorrências da realidade cotidiana e processos cognitivos. A teoria de Moscovici (2009) detalha esse processo a partir de duas dimensões: a cognitiva, de ordem psicológica; a social, referente aos espaços em que os conteúdos estão dispostos e se associam em relações dinâmicas.

A dinâmica que se estabelece entre o psicológico e o social também envolve aspectos afetivos e pressões para o apropriação de conteúdos e tomada de posição quanto a seus significados.

Moscovici (2009) entende que a polifasia cognitiva é uma das principais características do pensamento natural. Assim, cada indivíduo possui a capacidade de pensar de diferentes formas e em diferentes níveis. Porém, tende a pensar de acordo com as estruturas do sistema de referências típico do seu grupo.

O grupo dos docentes, quanto à violência escolar, segundo pesquisas consultadas, tende a representar a violência como de origem exterior ao ambiente escolar e

vê as causas nas condições socioeconômicas dos alunos e de suas famílias.

Assim, os professores tendem a recusar a responsabilidade da escola e do automatismo de suas normas disciplinares como reprodutoras de violência. Porém, há consciência de que é necessário romper as barreiras das representações estabelecidas na busca de estratégias de enfrentamento e minimização da violência em benefício dos processos pedagógicos.

Também é de se fazer notar que a Teoria das Representações Sociais, ao se colocar como instrumento de análise do pensamento de grupos sociais, não se exime de estar, ela mesma, sujeita a representações sociais. Trata-se, portanto, de um conjunto de conhecimentos que se adapta às representações de quem dela se utiliza, estando, portanto, sempre em frente da necessidade de driblar preconceitos.

Por outro lado, embora o conceito de violência pareça óbvio, há controvérsia sobre a possibilidade de sua síntese, pois está sujeita a perspectivas diversas.

Enfim, a pesquisa esbarra em dificuldades interpretativas das mais diversas, sendo que o alerta de Moscovici (2009) para a questão da polifasia cognitiva é para as possibilidades de desvios dos padrões estabelecidos, o que se constitui tanto em possibilidade de inexatidão dos resultados das pesquisas quanto em possibilidade de superação do pensamento vigente, na busca por soluções mais adequadas à problemática da violência escolar no tempo presente.



REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. *Em Aberto*, Brasília, v.14, n.61, p.60-78, jan/mar 1994.

GERONASSO, J. E. S. Políticas e representações sociais de professores da escola básica sobre o bullying. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/ganpedsul/paper/viewFile/1642/608>>. Acesso em: 16.04.2014.

GOMES, C. A.; LIRA, A.; CALDAS, D. B.; LIMA, D. C.; LOPES, R. B. Violência nas escolas: decifrai-me ou vos devoro. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.71, p. 39-59, 2013. Disponível em: <<file:///C:/Users/edevanete/Downloads/2335-5846-1-PB.pdf>>. Acesso em: 16.04.2013.

MAURÍCIO, A. G. C.; OLIVEIRA, L.; CHAMON, E. M. O. Violência na escola pública: análise da representação social de professores, gestores e alunos. Disponível em: <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2009/anais/arquivos/o818_o534_01.pdf>. Acesso em: 16.04.2014.

MENIN, M. S. S.; SHIMIZU, A. M.; LIMA, C. M. As Teorias das representações sociais nos estudos sobre representações de professores. *Cadernos de Pesquisa*, v.39, n.137, p. 549-576, maio/ago, 2009.

MOSCOVICI, S. Representações sociais: investigações em psicologia social. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, Juliana Prudente de. Representação social da violência na escola. 2002. (Dissertação). Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2002. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=240>. Acesso em: 16.04.2013.

SANTOS, Neuza Batista dos. Representações sociais: investigações em psicologia social, de Serge Moscovici. *Revista Ciência & Ideias*. Maringá, v.1, n.2, abr/set, 2010.

STELKO-PEREIRA, A. C.; WILLIAMS, L. C. A. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. *Temas em Psicologia*. v.18, n.1, p.45-55, 2010.

VIOTTO FILHO, I. A. T.; PONCE, R. F.; ALMEIDA, S. H. V. As compreensões do humano para Skinner, Piaget, Vygotsky e Wallon: pequena introdução às teorias e suas implicações na escola. *Psicologia da Educação*, n.29, p.27-55, dez, 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n29/n29ao3.pdf>>. Acesso em: 09.04.2014.

Recebido em : 03/03/2014

Aceito em: 17/04/2014